

Pinacoteca do Estado de São Paulo: Observações

Ensaio Crítico - São Paulo, 2002

Por Samara Elizabeth

1. ARQUITETURA

Para o visitante, o prédio da Pinacoteca do Estado de São Paulo, apresenta-se de maneira imponente. Mesmo com a reforma, que transferiu a entrada para a "lateral" do prédio - numa tentativa de minimizar qualquer efeito orgulhoso ou arrogante de sua arquitetura - o caráter imponente é assegurado pelo enorme pé-direito, e pelo próprio estilo neoclássico da construção.

Internamente, a comunicação entre os espaços é garantida pelas passarelas de ferro, que ao mesmo tempo ligam as salas e funcionam como mezaninos; e também pelas grandes janelas que permitem uma visualização geral de sua área interna.

O teto de vidro faz menção à antiga concepção de relação com o Cosmos, à medida que parece querer manter a ligação terra-céu. Por sua vez, as janelas que conversam com o exterior - localizadas nas galerias e salas - encontram-se encobertas por grandes painéis que carregam obras (talvez apenas por uma questão de espaço) mas que, de certa forma podem dar a impressão de um espaço alheio à sua volta, preservando uma realidade interna que comunica-se apenas com alguns aspectos do mundo exterior.

2. ACERVO E DISPOSIÇÃO DAS OBRAS

Estrategicamente à entrada, a exposição de obras religiosas, transmite ao visitante a idéia de que se está entrando em local sacro, pedindo-lhe uma postura de mais respeito.

As obras das exposições temporárias que ocupam todo o 1º andar, estão bem dispostas e parecem ter maior "folga" do que as do 2º andar - a exposição de Arthur Luiz Piza, por exemplo, ocupa ao todo 7 salas -; neste, o acervo permanente briga por espaço, aproximando-se do colecionismo das antigas galerias de curiosidade, excetuando-se, talvez, a Sala dos Retratos, que propositadamente agrupa seus quadros em homenagem à maneira de exibi-los no século XIX.

Para o objetivo do museu, uma exposição mais reduzida do acervo ou um maior espaço pudessem ser os ideais.

As salas dividem o acervo tanto temática, como cronologicamente. De um lado temos as salas do século XIX e de outro as do século XX, com exceção da Sala de Paisagens Brasileiras e Iconografia Paulista, que privilegiam os dois séculos. Dentre as salas do século XIX, os temas abordados são: Natureza Morta, Realismo Burguês (Arte Pompiet); Paisagens Brasileiras e Auto-Retratos, além do espaço com as esculturas francesas (Atrium Joseph Safra). As do século XX abordam: Modernismo, Entre-Guerras; Artistas do Liceu; Abstracionismo; Abstracionismo Informal, Concretismo e Iconografia Paulista.

No interior das salas, o visitante poderá ter certa dificuldade para encontrar a ordem cronológica na disposição das obras, ou até a temática, como é o caso da Sala Artistas do Entre Guerras/ Modernismo e Modernistas / Artistas do Liceu que em suas duas entradas opostas mantém a mesma ordem de nomeação da Sala, confundindo quem entra pela sub-sala Artistas do Liceu.

No platô de uma das escadas, numa parede sem iluminação, um quadro parece esquecido: trata-se do Retrato de Grupo de Sônia Van Brusky, uma releitura de Dirk Barendszoon.

3. RECURSOS DE COMUNICAÇÃO

Os textos explicativos em geral são longos e escritos de maneira formal, o que pode afastar certos públicos e reforçar um aspecto elitista; além de encontrarem-se escondidos em algum canto das salas.

Apenas alguns apresentam-se mais objetivos e explicativos, capazes de atingir novas parcelas de público e permitir a compreensão da realidade sócio-cultural em que vivemos.

A Pinacoteca não apresentou guias de visitação (na entrada, apenas guias da mostra Rodin - marco na história da Pinacoteca - e displays das exposições temporárias); seu site não se encontra atualizado, sendo que o site oficial está inacessível; a monitoria é feita com agendamento para um determinado número de pessoas, e nas salas, as recepcionistas têm certa dificuldade no fornecimento de informações ou esclarecimento de dúvidas. Mesmo com a biblioteca, há entraves na obtenção de informação mais atual.

4. BREVE CONCLUSÃO

O visitante da Pinacoteca desfruta de grande liberdade para descobrir seus espaços, mas o aproveitamento de todo conhecimento aí inserido tende a privilegiar o freqüentador ou aquele visitante que já carrega consigo certos conhecimentos ou quadros de referência (relacionados, até mesmo com a própria Pinacoteca). Assim, conhecer a Pinacoteca exige além de uma atividade metacognitiva, um suporte informacional que deve ser buscado fora dos limites de sua estrutura arquitetônica e museológica.